



Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs

MÉTODO DOS "4Rs"

PARA UMA LEITURA POPULAR
DAS MIGRAÇÕES

Ibiporã
1011







Apoio:



Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS

MÉTODO DOS "4RS"

Para uma leitura popular das migrações

1ª edição

ibiporã
1011



São Paulo

2019

Método dos “4Rs” para uma leitura popular das migrações
Método de los “4Rs” para una lectura popular de las migraciones
© Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS, 2019

Capa: Foto de Ylanite Koppens no Pexel

Diagramação e projeto gráfico: Beatriz Sampaio e daniel gorte-dalmoro

Revisão: daniel gorte-dalmoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

G23m Gonçalves, Alfredo José
1.ed. Método dos “4Rs” para uma leitura popular das
migrações / Alfredo José Gonçalves; tradução de Grazielle Nack. –
1.ed. – São Paulo: Ibiporã 1011(co-edição SPM – Serviço Pastoral
dos Migrantes), 2019.

160 p.; 12 x 17 cm.

ISBN: 978-85-87165-02-2

1. Migrações. 2. Trabalho pastoral. 3. Pastoral social. 4.
Pastoral dos migrantes. 5. Igreja católica. I. Nack, Grazielle. II. Título

CDD 304.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Migrações: trabalho pastoral
2. Pastoral social: pastoral dos migrantes
3. Igreja católica

SPM – SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES

Rua Caiambé, 126

Vila Monumento - São Paulo

Fone: (11) 2063-7064

spm.nac@terra.com.br

www.spmnacional.org



Ibiporã
1011

Ibiporã 1011

São Paulo. SP

ibipora1011@gmail.com

www.facebook.com/ibipora1011

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

I. ROSTOS (ROSTROS, EM ESPANHOL)

II. ROTAS (RUTAS, EM ESPANHOL)

III. RAÍZES (RAÍCES, EM ESPANHOL)

IV. RESPOSTAS (RESPUESTAS, EM ESPANHOL)

CONCLUSÃO

APRESENTAÇÃO

O método dos 4Rs para uma leitura popular das migrações, traz para todos nós uma reflexão clara para aqueles e aquelas que fazem a pastoral do migrante na América Latina. Por essa razão, estamos lançando esse patrimônio de forma bilíngue.

É uma oportunidade de seguirmos a profecia dos que nos antecederam nesta missão, de provocar o fervor e alimentar a mística militante missionária. Neste momento da história, precisamos semear, não importa se iremos colher. Nós que semeamos hoje, certamente estamos colhendo, aquilo que outros plantaram.

A partir de nossa dinâmica como pastoral do migrante de formar, articular e incidir, o Pe. Alfredo é muito feliz em suas indagações. É perspicaz e nos



convida a sermos cada vez mais ousados na partilha e no atender ao chamado da missão.

Romper Muros e Construir Pontes é processo de libertação, fundados nos ensinamentos de Jesus, e como os migrantes movem a história, nós também mudamos com eles. Que possamos lutar na construção de um mundo mais inclusivo, onde a Justiça do Reino seja realidade que nos espera, e por isso o tempo é de esperar um novo céu e uma nova terra.

Dom José Luiz Ferreira Salles, CSsR
Bispo de Pesqueira



[VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)

*Digo: o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia*

Guimarães Rosa





INTRODUÇÃO

Existem muitos métodos para ler o fenômeno das migrações. Uns têm caráter científico, com todo o rigor da pesquisa, dos dados coletados e da produção acadêmica. Outros, sem desconhecer o valor da ciência, e particularmente da demografia, voltam-se mais para as preocupações sociopastorais. Outros, ainda, baseiam-se em relatos e histórias de vida dos próprios envolvidos. Disso resulta, de imediato, que a mobilidade humana no seu conjunto constitui um campo vasto, plural, diferenciado e extremamente complexo. Em todos os casos, sempre está em jogo o desafio de conhecer mais a fundo as causas, as implicações e as consequências dos movimentos migratórios de massa. Quais os fatores que os originam, quais os trajetos que percorrem e que reações provocam, tanto nos locais de saída quanto nos locais de trânsito e de chegada? Entre outras, essas são as perguntas que nos



propomos responder nos parágrafos que seguem. Mais que tudo, trata-se de reunir alguns elementos para uma leitura do fenômeno migratório em seus diversos níveis.

No universo da mobilidade humana, reconhecemos distintas formas de deslocamento de massa: migrantes socioeconômicos, prófugos, refugiados, exilados, expatriados, itinerantes, marítimos, trabalhadores temporários, vítimas do tráfico, estudantes, técnicos e especialistas internacionais, “desplazados”, e assim por diante. A proposta aqui é fazer um retrato vivo dessas realidades tão diferentes, entrelaçando-as e tentando entendê-las num quadro mais amplo. Como analisar tais realidades com um par de óculos simples, familiar, popular e ao mesmo tempo suficientemente abrangente? Para responder a esta pergunta, apresentamos o que se poderia chamar método dos “4Rs”: rostos, rotas, raízes e respostas. Como se vê, o acento aqui recai não tanto sobre a quantidade e o rigor científico da análise de quem se desloca, e sim sobre as condições sociopastorais dos

migrantes e famílias. Por motivos óbvios, semelhante ferramenta pode ser utilizada apenas nas línguas portuguesa e espanhola.

O uso do método dos “4Rs” adapta-se às mais diferentes



instâncias. Do ponto de vista político e geográfico, pode ser utilizado a nível de bairro, de município, de estado, de nação e até mesmo em abrangência mundial. O mesmo vale para as circunscrições eclesiais. A leitura a partir dos 4Rs serve para traçar o cenário das migrações no território de uma comunidade, paróquia ou diocese ou a partir do território de uma determinada conferência episcopal. A amplitude geográfica não diminui a capacidade de observação, se e quando esta última for conduzida de forma séria, contínua e adequada. Desnecessário acrescentar que o método só será objetivo e eficaz na medida em que se propõe a uma constante atualização. Hoje em dia, a velocidade das mudanças atinge todos os campos e áreas do saber, o que é tanto mais verdadeiro para o fenômeno da mobilidade humana. Ele mesmo, com efeito, é simultaneamente causa e efeito de transformações históricas mais profundas e estruturais. Vale insistir que as migrações costumam figurar como ondas aparentes e superficiais de correntes invisíveis e subterrâneas.



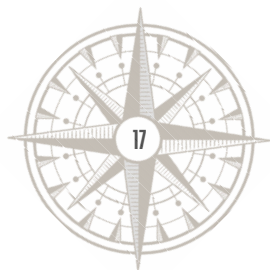
[VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)



I. ROSTOS (ROSTROS, EM ESPANHOL)

A pergunta emerge de imediato: quem são os migrantes? Quem efetivamente cruza hoje as estradas de todo o planeta, rompendo tantos obstáculos e as fronteiras? Quais os rostos das pessoas em movimento? O objetivo aqui é o de apresentar uma fotografia das migrações, a qual poderá vir ser constantemente atualizada. A verdade é que, ao andar pelas ruas da cidade, ao ler os jornais ou ouvir os telejornais, ao navegar nas redes sociais da Internet – tropeçamos diariamente com os “mil rostos do outro”, como diz a expressão da *Erga Migrantes Caritas Christi*, documento do antigo Pontifício Conselho para a pastoral dos migrantes e itinerantes, publicado em 2004.

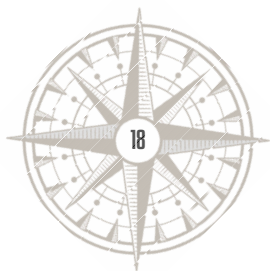
Diz o mesmo documento logo na sua abertura: “As migrações hodiernas constituem o maior movimento de pessoas de todos os tempos. Nestas últimas décadas este fenômeno, que envolve



atualmente cerca de duzentos milhões de seres humanos, se transformou em realidade estrutural da sociedade contemporânea, e constitui um problema cada vez mais complexo do ponto de vista social, cultural, político, religioso, econômico e pastoral” (Cfr. Apresentação). O conceito de “realidade estrutural” só fez se confirmar no contexto da mudança epocal e da chamada transição paradigmática que estamos atravessando.

“A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual transformações profundas e rápidas se estendem progressivamente a toda a terra”, escreviam, por sua vez, os bispos na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965 (Cfr. GS, nº 4). Desde essa época, as “rápidas e profundas transformações” só fizeram aumentar, especialmente no que diz respeito à revolução dos transportes e das comunicações. Jamais como hoje foi tão verdadeira a ideia de que o “mundo é uma aldeia”. Essa aproximação, e quase eliminação das distâncias, entre outros fatores, constitui um terreno fértil para os grandes deslocamentos humanos de massa.

Nos tempos atuais, com efeito, deparamos continuamente



com africanos, europeus, asiáticos, indígenas, mestiços das mais variadas tonalidades. O mundo em geral, e cada país em particular, conhece um pluralismo cultural e religioso sempre mais acentuado. Não é exagero afirmar que hoje todos os povos e nações conhecem de perto o fenômeno da mobilidade humana. Verifica-se também, desde muito, a predominância dos jovens entre, digamos, 15 e 30 anos, em busca de novas oportunidades. De outro lado, assistimos à feminilização do fenômeno migratório: mais mulheres se põem a caminho. E com elas, seguem não raro as crianças ou famílias inteiras. Os chamados “refugiados climáticos” constituem outra novidade das décadas recentes, como temos visto na Indonésia, no Japão, nos países do Caribe e também no Brasil – que o digam os moradores das cidades mineiras de Mariana e Brumadinho. Estes fugitivos das reações imprevistas da natureza à ação do homem sobre ela, tendem a aumentar, em números e em diferentes lugares de origem, com o risco do aquecimento global.

Em termos de abrangência, a mobilidade humana estende-se a todos os povos, raças e nações, bem como a todos grupos e estratos humanos. Difícil encontrar um país ou região que não esteja envolvido com deslocamentos humanos massivos – como lugar de



origem, lugar de trânsito ou lugar de destino, quando não os três ao mesmo tempo. Igualmente difícil encontrar uma família que, de alguma forma, não tenha sido golpeada pela migração de um familiar próximo ou de um parente distante. Contam-se aos milhões as pessoas que residem fora do país em que nasceram, como logo veremos. Os números crescem numa progressão geométrica, deixando um rastro de pessoas solitárias e de famílias separadas e fragmentadas.

A) FACE E CONTRAFACE DOS NÚMEROS

Quando se fala em rostos, não podemos esquecer os números. Se é verdade que estes não estão no centro de nosso olhar, também é certo que não podem ser de todo ignorados. Limitaremos a abordagem às estatísticas oficiais e reconhecidas pelos organismos internacionais. Dito isso, conforme os últimos dados da ONU, os migrantes internacionais alcançam a marca de

244 milhões em 2015, um aumento de 41% em relação a 2000. Os dados foram publicados no dia 12 de junho de 2018, pelo relatório do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU



(DESA). Desnecessário acrescentar que dezenas de milhões são refugiados e que, entre estes últimos, a grande maioria reside nos países limítrofes do qual se viram obrigados a escapar (Cfr. site da www.uol.com.br 12/06/2018). Isso sem falar das migrações no interior de cada país, como na urbanização acelerada, ou dos deslocamentos temporários, seja para colheitas na agricultura, seja para grandes obras da construção civil.

De outro lado, “uma pessoa em cada três segundos vira um refugiado, tempo menor que o necessário para ler esta frase”. A afirmação é da Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), que alerta para o crescimento dos casos de conflitos, violência e perseguição. De acordo com a ONU, o número de refugiados, incluindo os “desplazados” pela violência interna, atinge o recorde de 65,6 milhões em 2016, segundo relatório Tendências Globais, divulgado na segunda-feira, dia 19 de junho de 2018. A crise humanitária é a mais grave desde a fundação da ONU, em 1945. (Cfr. Jornal Correio Braziliense, 19/06/2018).

Números são como as moedas: têm face e contraface. Também como as moedas, podem ser avaliados de ângulos distintos. Às vezes servem para pagar o pão e o leite da manhã, outras vezes



para pagar a mão-de-obra dos trabalhadores explorados. Não são diferentes os números da migração. Carregam igualmente a ambiguidade da moeda. Podem levantar a poeira dos medos, dos riscos e das ameaças, levando diversos governos a erguer obstáculos, enrijecer as leis ou fechar fronteiras, como também podem representar potencialidades novas e inéditas, tanto para os próprios envolvidos quanto para as comunidades que os acolhem. A crise que gera a migração supõe a encruzilhada que lhe abre alternativas até então desconhecidas. Uma leitura crítica não conduz necessariamente uma visão negativa. Se a crise muitas vezes faz chorar e paralisa as energias, outras vezes faz levantar a cabeça, despertando a criatividade para novas iniciativas. Não poucos países cresceram e se rejuvenesceram com a presença dos imigrantes. Pena que são justamente esses que, não raro, revelam maior dificuldade de aceitar o outro, o diferente, o estrangeiro – vendo como estranho e perigoso.

Além disso, moedas e números costumam mostrar-se surdos, mudos e cegos.

Dizem e significam alguma coisa, claro, mas estão sujeitos à cor dos óculos de quem os manipula. Óculos sombrios ou embaçados tendem a uma visão distorcida,



não raro marcadamente negativa. Para avaliar corretamente o valor das moedas e dos números, exige-se um esforço de dupla dimensão: transparência na lente de leitura e contextualização adequada do terreno em que circulam. Os migrantes, a exemplo das moedas e dos números, deslocam-se em vias, territórios e circunstâncias específicas. Há fatores que geram ou aceleram seus fluxos, ao lado de outros que medem seus impactos e implicações.

Por fim, lidar com os números requer o mesmo cuidado que lidar com as moedas. Tanto estas como aqueles estão sujeitos à epidemia da falsificação. Uma determinada cultura do espetáculo (Cfr. Sociedade do Espetáculo, de Guy Debord) se presta facilmente ao engrandecimento ou inchamento dos números. À qualidade se sobrepõe a quantidade, o sensacionalismo desbanca a informação correta, a espetacularização supera o bom senso crítico e responsável. Em lugar de divulgar a notícia, de forma pura, simples e transparente, tenta-se provocar sensações num público desavisado, seja este formado por leitores, ouvintes, telespectadores ou internautas.

Resultado disso é o crescimento progressivo das “fake news”, fenômeno diretamente proporcional à evolução dos meios de comunicação social e à revolução da informática. Daí que



o método dos “4Rs”, se quiser ser um instrumento simultaneamente popular, confiável e abrangente, deva estar atento a essa onda de falsas notícias.

B) FERIDAS E CICATRIZES

Inúmeros dados, estatísticas, tabelas e gráficos poderiam ser acrescentados. Mas como já ficou assinalado anteriormente, nossa preocupação é de natureza sociopastoral. Mais do que aos números quantitativos, que jamais deixam de ser importantes para medir a intensidade do fenômeno, estaremos atentos aos rostos que se escondem por trás deles. Alguns desses rostos, como veremos, são marcados por traços de deslocamentos centenários, outros por um desenraizamento recente. Uns e outros trazem no corpo, na mente e na alma feridas e cicatrizes de um vaivém cada vez mais complexo e quase sempre traumático. A migração é um golpe que atinge toda família: os que saem e os que ficam.



Não será exagero afirmar que o rosto da pessoa, família ou grupo que se põe em marcha reflete, como num espelho, o drama da gigantesca multidão dos “sem raiz, sem pátria e sem destino”. Errantes

e peregrinos de uma diáspora cada vez mais ampla e diferenciada, em busca de uma cidadania definitiva, negada na terra que os viu nascer e onde enterraram seus antepassados. Faces dilaceradas e devastadas por rugas antigas e profundas, mas, ao mesmo tempo iluminadas por misteriosos sorrisos. Rugas que ocultam sonhos despedaçados, sorrisos que mantêm viva a fé e a esperança num amanhã recriado.

Fenômeno ambíguo, como já no século XIX constata o bispo de Piacenza, Dom João B. Scalabrini (Cfr. Scalabrini, uma voz viva). Apresenta vítimas, mas também cria protagonistas. As migrações podem ser um verdadeiro flagelo, mas são também uma oportunidade para o intercâmbio de culturas, ideias, costumes e valores. Muitos países se ergueram e agigantaram-se graças ao trabalho dos imigrantes. De outro lado, como lembra o Documento de Aparecida, se é verdade que cada pessoa e cada cultura levam consigo sementes do Reino, os que se põem em marcha são de alguma forma “agentes de evangelização”. Quem se move, faz mover o motor da história. Problemas e oportunidades escondem-se nas dobras do tecido



histórico onde o vaivém da migração sempre esteve presente.

Mais adiante, na tentativa de iluminar nosso percurso com os princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja (DSI), constataremos que toda pessoa humana e toda cultura é portadora de luzes e sombras, de valores e contravalores, bem como de “sementes do Verbo”. Ao arrancar as raízes do solo em que nasceu, o migrante como que lança nas asas do vento tais sementes. Disso resulta uma dupla possibilidade: ou as sementes fazem prevalecer as luzes e iluminam rumos de novas culturas e novas civilizações, ou, ao contrário, as sementes dão primazia às sombras, e então tendem a brotar a hostilidade, a violência e a guerra. Vale a pena apostar no brilho das luzes e cultivar os valores de cada pessoa e cultura!

Como vimos acima, praticamente todos os dias cruzamos e recruzamos com esses rostos. Encontram-se nas ruas e praças de nossas cidades, bem como

nos noticiários dos meios de comunicação social. Uma vez mais, o método dos “4Rs” pode ajudar-nos a identificá-los, seja em nível local e regional, seja em nível nacional ou mundial. Mas ele exige mais



que isso: pressupõe a empatia, a abertura, o confronto e o diálogo entre os estrangeiros que batem à porta e as comunidades que os recebem. Dessa relação dinâmica, permanente e em espiral dialética de crescimento, como iremos ver mais detalhadamente, emerge pouco a pouco um recíproco modo de enriquecimento. Povos, culturas e valores, ao entrar no jogo franco do encontro, abrem-se a uma tríplice purificação: em primeiro lugar, tendem a eliminar os resíduos mortos e fossilizados da própria experiência; depois, vão incorporando iniciativas novas, até então desconhecidas, mas potencialmente renovadoras; enfim, de encontro em encontro, caminham para um processo de constante rejuvenescimento.

[VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)



[illegible]

II. ROTAS (RUTAS, EM ESPANHOL)

Passamos dos rostos às rotas. Nesta passagem muda a pergunta: de onde vêm e para onde vão os migrantes? Trata-se agora de individualizar as trajetórias dos fluxos migratórios. Traçar um mapa com as vias mais percorridas e recorrentes. Se nos debruçarmos sobre o mapa-múndi ou sobre o mapa do Brasil, por exemplo, podemos fazer o esforço de imaginar os caminhos que esses fluxos percorrem. Teremos a seguinte visão aproximada: uma série de setas coloridas se quisermos, as quais se cruzam e recruzam, se entrelaçam e se repetem. Embora predominem alguns lugares de origem e alguns lugares de destino, com setas mais acentuadas, os migrantes hoje em dia movem-se em todas as direções possíveis e imaginárias.

As rotas são variadas. Do Oriente Médio e do continente africano, duas delas conduzem à Europa: a rota balcânica e a rota mediterrânea. Ambas, porém, estão



bloqueadas por acordos da Comunidade Europeia, primeiro com a Turquia, depois com a Líbia. Os acordos estipulam que estes dois países retenham os migrantes, em troca de investimentos europeus. Os resultados são nefastos: os investimentos ajudam muitas vezes a financiar a violência, e os migrantes acabam prisioneiros em campos de refugiados extremamente precários e desumanos. Das Filipinas e do Vietnã, a rota da ilha de Batam, na Indonésia, leva à Malásia ou Tailândia, com o sonho de chegar à Austrália. Da América Central e México, a rota sobe para o eldorado dos Estados Unidos. Já falamos da rota que parte das nações andinas em direção aos países vizinhos, mas também em direção ao norte e à Europa. Do leste europeu para o oeste, especialmente dos antigos países da União Soviética e da ex-Iugoslávia, sobretudo Ucrânia, Romênia, Eslovênia, Croácia e Montenegro, a rota conduz à Alemanha, Áustria, Hungria, França, Itália, Bélgica, Inglaterra, Portugal, Espanha, entre outros.

Milhões de árabes buscam a França e a Bélgica, enquanto a Alemanha abriga outros milhões de turcos. De outro lado, milhões de pessoas provenientes das Filipinas, da Índia, do Sri Lanka e da Indonésia, trabalhadores braçais em sua maioria, dirigem-



se aos Emirados Árabes, onde se submetem aos serviços mais sujos, pesados, perigosos e mal remunerados. Já os gigantes do Vale do Silício, na Califórnia (EUA) – Google, Amazon, Fecebook, Apple – atraem cérebros de todo o planeta, com destaque para os chineses, coreanos, latino-americanos, indonésios, vietnamitas, entre outros.

Entram aqui, também, as rotas que podemos chamar de “linguísticas”. Dos países francófonos em direção à França ou à Bélgica, como a Argélia, Congo, Costa do Marfim, Camarões e Madagáscar; dos países lusófonos em direção a Portugal, como Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe; dos países anglófonos em direção à Inglaterra ou Estados Unidos, como Índia, Sudão, Zimbabué, Nigéria e Gana. Isso sem falar dos árabes que, em grandes levas, se dirigem à Bélgica, França, Alemanha e Inglaterra. Depois, ainda dos países árabes, como também dos continentes asiático, africano e latino-americano em direção aos Estados Unidos. Não podemos esquecer os trabalhadores temporários em busca das safras agrícolas ou de grandes projetos de construção: enquanto parte deles se desloca no interior do próprio país, outra parte cruza e recruza a fronteira dos países vizinhos. O caso exemplar é o dos bolivianos e peruanos



que fazem as colheitas do tomate e da azeitona no norte do Chile.

Um dado novo é que nas últimas décadas a rota sul-norte, predominante por longos anos, perdeu a primazia para a rota sul-sul. Isso significa que hoje aumentou o número de pessoas que migra de um país para o outro ao sul do planeta, entre os países periféricos. A tal ponto que esse número supera o movimento que se desloca do sul subdesenvolvido em direção aos países centrais e desenvolvidos localizados ao norte. São deslocamentos no interior dos próprios continentes do sul do planeta, ou entre eles: África, Ásia e América Latina. Os “deserdados da terra” encontram cada vez mais dificuldade para seguir a rota do capital, das tecnologias, do conhecimento e das mercadorias. Mais adiante veremos o que está por trás disso.

A) MIGRAÇÕES HISTÓRICAS E MIGRAÇÕES ATUAIS

Dois exemplos ajudam a compreender a complexidade crescente da mobilidade humana. O



primeiro é o confronto entre as migrações históricas, de um lado, e as migrações atuais, de outro. Na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, uma emigração sem precedentes esvaziou

os países europeus. De acordo com alguns historiadores, no período que vai de 1820 a 1920, entre 65 e 70 milhões de pessoas deixaram o velho continente. Muitos deles, num primeiro momento, trocaram a zona rural pela cidade, para depois embarcar para as terras novas das Américas, Austrália e Nova Zelândia. Na metade do século XIX, uma doença das batatas dizimou a população da Irlanda, causando a fuga de mais de um milhão de pessoas. Dos demais países, a urbanização acelerada, seguida da emigração, era o resultado da Revolução Industrial. Enquanto a indústria precisava de novas terras para o plantio do algodão e para a extração do carvão mineral – matérias primas e combustível para a manufatura – os camponeses eram transformados em operários dispostos a vender a sua mão de obra nas fábricas que se erguiam por todos os lados, como uma floresta de chaminés.

Mas as fábricas não tinham capacidade de absorver toda essa mão de obra. Sobravam braços inativos. Milhões tiveram que se dirigir às estações de trem, e daí aos portos, para cruzar os oceanos em busca de trabalho. Foi essa a imagem que Dom João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza, Itália, registrou comovida e magistralmente na estação de Milão. O fato é que, em



suas visitas pastorais, o bispo encontrava somente idosos, crianças e mulheres. Os homens, alguns juntamente com as esposas, encontravam-se do outro lado do Atlântico. Dali o prelado recebia cartas nas quais muitos emigrantes diziam “viver como bichos”, sem missa e sem os sacramentos que a sua fé requeria. Daí a fundação das Congregações dos padres e irmãs scalabrinianos, com o carisma de acompanhar os emigrados.

Tamanho deslocamento de pessoas, entretanto, diferia muito dos movimentos atuais de migrantes. A migração histórica representava um desenraizamento provisório. As pessoas deixavam a terra temporariamente, para em seguida se enraizarem em solo americano ou australiano. Eram migrações com origem e destino mais ou menos pré-determinados. Saíam com a certeza de encontrar terra e/ou trabalho. Espécie de plantas que se arrancam para replantar. Os governos de um lado e outro, com a ajuda de algumas organizações, inclusive, ajudavam na requisição e recolocação dos trabalhadores. Não sem razão muitos

tornaram-se “colonos” nos Estados Unidos, Argentina e sul do Brasil. A mobilidade apresentava um caráter relativamente ordenado e linear.

Não é o que ocorre com a mobilidade nos dias de hoje.



Os migrantes também sofrem um processo de desenraizamento, evidentemente, mas com poucas ou nenhuma possibilidades de encontrar um destino seguro. O mais comum é aventurarem-se de fronteira em fronteira, na tentativa de alcançar os países centrais. A maioria, porém, fica pelo meio do caminho. Boa parte morre nas areias do deserto entre México e Estados Unidos, nas águas do mar mediterrâneo, ou no meio das florestas asiáticas e africanas. Em lugar de origem e destino mais ou menos certos, as migrações aparecem como um vaivém desordenado e sem fim. Um processo circular, pendular e/ou temporário, de frequentes idas e retornos, cheio de contradições, onde, por terras adversas e estranhas, erram milhares e milhões de estrangeiros, muitas vezes solitários, órfãos de família e de pátria, perdidos no tempo e no espaço. Exemplo disso são os haitianos que passaram pelo Brasil, depois alcançaram o Chile e hoje encontram-se em Tijuana (México), numa tentativa de cruzar para o outro lado (Califórnia, Estados Unidos). São mínimas as possibilidades de novo enraizamento. Aqui as plantas arrancadas têm poucas esperanças de serem replantadas, permanecendo com as raízes ao sol.



B) MIGRAÇÕES NA AMÉRICA DO SUL

Neste caso o confronto se dá entre as migrações no tempo das ditaduras do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) e os fluxos migratórios atuais. Do tempo dos regimes de exceção para os dias de hoje, mudaram tanto o tipo de migração e mudaram quanto a origem e destino dos migrantes. Nos anos de 1960-80, com diferenças de país para país, os militares assumiram o poder nos países do Cone Sul. A repressão e a “caça aos comunistas” levaram muita gente à prisão e à morte. Outros foram obrigados a fugir, ou buscando um dos países vizinhos ou emigrando para os Estados Unidos e Europa. Eram em sua maioria políticos de oposição, intelectuais, sindicalistas, agentes de pastoral, estudantes... Um exílio forçado que, em graus e momentos distintos, afetou os cinco países citados.

Hoje são outros migrantes que se movem no subcontinente da América Latina, bem como outros países de origem e destino. Em lugar de exilados políticos e ideológicos, temos trabalhadores pobres, não raro vindos do campo, em busca de alternativas na capital do próprio país ou nas cidades dos países vizinhos. Quanto à origem, predominam os que provêm do



altiplano, com destaque para o Peru, Bolívia e Equador. Migrantes socioeconômicos, como se costuma dizer. Os destinos se bifurcam e trifurcam em várias direções. Boa parte vive em situação irregular, vulnerável a todo tipo de exploração, particularmente na indústria têxtil.

Vale insistir que essa descrição das rotas – em nível nacional, regional ou internacional – pode ser repetida em nível local. Quase se poderia afirmar que os rostos em movimento, de todas as cores e matizes, línguas e costumes, criam rotas identificáveis praticamente a olho nu. Basta estar atento a quem chega e a quem sai na rua, no bairro, na cidade ou no país onde habitamos. De onde vem e para onde vai? Que percurso percorreu ou irá percorrer?

Os rastros tortuosos do migrante – outro “R” – deixam suas digitais geográficas no mapa. Em tais rotas, por outro lado, verificam-se três tipos de voos: voo curto, interno, do interior do país para uma cidade maior, ou para a capital do país vizinho; voo médio, regional ou intra-regional, da própria pátria para outro país do mesmo continente, buscando normalmente uma metrópole; voo longo, transcontinental, particularmente dos países periféricos em direção aos países centrais.



[VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)

III. RAÍZES (RAÍCES, EM ESPANHOL)

Depois dos rostos e das rotas, vêm as raízes. E a pergunta: por que as pessoas migram? Em outras palavras, quais as causas que levam tanta gente a deixar a terra natal? Que motivações as forçam à saída? Não basta a fotografia o mapa da realidade migratória. Temos que avançar para a radiografia. Um bom diagnóstico, seja ele médico ou sociológico, além do retrato externo, necessita entender o que está por trás das aparências. Como o organismo humano apresenta sintomas visíveis da doença, também no organismo social os movimentos migratórios são como que um tipo de febre que reflete distorções, assimetrias e injustiças. Fluxos migratórios intensos costumam representar as ondas superficiais e aparentes de correntes subterrâneas ocultas, especialmente no campo da economia. Em geral, as mudanças



históricas substanciais são precedidas, acompanhadas ou seguidas de deslocamentos humanos de massa.

A) DIFERENÇA ENTRE MOTIVAÇÕES IMEDIATAS E REMOTAS

De início, precisamos desfazer um mal-entendido. Podemos tomar em mãos um exemplo familiar. Se perguntarmos ao migrante porque deixou sua terra e sua família, boa parte responderá que tinha vontade de conhecer novos lugares, de se reencontrar com os parentes. Outros dirão que a estiagem prolongada, como no nordeste brasileiro ou no “corno da África”, forçou à saída. Essas respostas imediatas expressam uma motivação pessoal ou familiar, subjetiva, mas não revelam toda a verdade.

Se é certo que as pessoas gostam de conhecer novos lugares, também é claro que são poucos aqueles que saem de casa unicamente por vontade própria. Uma série de circunstâncias de ordem social, econômica, política ou ideológica esconde-se atrás da decisão de partir. A



maioria dos migrantes sofrem a pressão de um conjunto de fatores que os força à fuga e à busca de novas oportunidades em lugares distantes. Numa palavra, a migração na sua forma mais conhecida tende

a ser predominantemente compulsória. Os deslocamentos de massa, em sua maioria, obedecem a causas de ordem externa, obrigando grande parte da população a se retirar e buscar refúgio mais seguro em outro lugar.

Debrucemo-nos mais detidamente, ainda, sobre o caso da seca no nordeste brasileiro, bem como em países como a Etiópia, Eritreia, Haiti ou outras regiões do planeta. Muitos retirantes dirão que a falta de chuvas regulares os tornou vulneráveis, inviabilizando a permanência. A partida tornou-se inevitável: de uma hora para outra viram-se expulsos da terra. Aparentemente a resposta está correta, mas não comporta toda a verdade. Por que migram somente alguns enquanto outros permanecem na terra? Por trás da seca, existe a cerca. A motivação imediata esconde uma motivação remota. Ou seja, uma estrutura fundiária histórica e estrutural condena boa parte da população a uma exclusão social crônica que vem de séculos, não permitindo acumular reservas para os tempos de “vacas magras”.

Poderíamos concluir que uma estiagem mais rígida e prolongada marca a hora da partida, mas a expulsão propriamente dita vem de uma organização socioeconômica assimétrica e desigual que acumula



desgraça sobre desgraça, até que a seca ou a inundação figuram como a “gota d’água”. O mesmo vale para uma série fluxos no fenômeno geral da mobilidade humana. O senso comum, a olho nu, depara-se com a falta de condições de permanecer no local. Mas uma análise mais acurada consegue conectar uma porção de circunstâncias que, entrelaçadas e combinados, descortinam a verdadeira causa da migração em massa.

O resultado é que, em geral, migram aqueles que dispõem de alguns meios para custear viagens, exigências de traficantes e outros imprevistos, próprios dos caminhos tortuosos da mobilidade humana. Tendem a ficar, de um lado, os mais ricos, donos das terras ou influentes na política, devido ao maior folego em suportar a privação inesperada. Aliás, aproveitam-se da desgraça para comprar a preço irrisório os bens de quem parte. De outro lado, também tendem a ficar os mais pobres, os quais sequer conseguem o dinheiro para chegar à rodoviária ou estação de trem mais próxima, muito menos ao aeroporto.



B) PRINCIPAIS CAUSAS DAS MIGRAÇÕES

As principais causas da migração, porém, não param por aí. Em termos mais abrangentes, seria lícito subdividi-las em dois grandes grupos: por uma parte, a pobreza, precariedade, falta de trabalho, miséria e fome; por outra, a violência, perseguição e guerra em suas mais diversas modalidades: tribal, política, ideológica ou religiosa.

POBREZA E FUGA EM MASSA

A pobreza dos países subdesenvolvidos, especialmente ao sul do planeta ou no leste europeu, fecha o horizonte quanto à possibilidade de um futuro melhor. Desprovidos de perspectivas em seus lugares de origem, multidões de jovens se aventuram pelas estradas atrás de alternativas. Enfrentam todo tipo de adversidades, rompem barreiras e fronteiras, em vista de fazer da fuga uma nova busca. Cabe aqui um novo confronto entre as migrações históricas (século XIX e início do século XX) e as migrações atuais.

De fato, nos deslocamentos anteriores a mobilidade geográfica representava, em muitos casos, também uma mobilidade social. Basta ver quantos europeus conseguiram “fazer a América” e



subir na vida, tanto na América do Norte e do Sul, quanto na Austrália. Hoje em dia, ao contrário, o deslocamento no espaço tende a levar muitos “aventureiros” a uma sequência de quedas para situações cada vez mais precárias. Além disso, um número expressivo de migrantes se vê rechaçado e chega a perder a vida, como se pode constatar nas águas do Mediterrâneo ou nas areias do deserto que une e separa México e Estados Unidos. Não são muitos aqueles que se podem dizer bem-sucedidos.

Desnecessário acrescentar que, como já vimos anteriormente, a porta de entrada dos que conseguem alcançar o país de destino costuma ser a dos serviços em geral: construção civil, trabalho doméstico, colheita de safras agrícolas, limpeza pública, grandes projetos privados e estatais, trabalho autônomo e/ou ambulante... Convém também insistir que muitos deles, devido ao fato de não terem a documentação em dia, prestam tais serviços na informalidade, como trabalhadores “clandestinos”.

Isso, evidentemente, os expõe a um fácil recrutamento para as formas de exploração mais impiedosas, como por exemplo a



prostituição o tráfico de crianças e mulheres, bem como o crime organizado em geral.

Essa migração de caráter socioeconômico, nas últimas décadas, vem sofrendo restrições em quase todos os lugares, com destaque para os países ricos e centrais. Com o avanço de governos de extrema direita, ligados ao nacionalismo populista, verifica-se um progressivo endurecimento da legislação migratória, o fechamento das fronteiras e a diminuição do orçamento público para a aquisição de requerentes de asilo ou para a acolhida e assistência aos recém-chegados. Resulta que, devido aos problemas crescentes com a migração legal e regular, aumenta a pressão dos migrantes “irregulares” sobre as fronteiras geográfico-territoriais, tais como em Tijuana, entre México e Estados Unidos; no Mediterrâneo, entre norte da África e sul da Europa; na Turquia e na Grécia, passagem do Oriente Médio para o velho continente europeu; na ilha de Batam, ligação entre Vietnã e Filipinas com a Malásia e Tailândia. Daí a maior visibilidade do fenômeno em todos os órgãos de divulgação.



VIOLÊNCIA, PERSEGUIÇÃO E GUERRA

Neste caso, naturalmente, predominam os prófugos, os requerentes de asilo e os refugiados. Como já vimos, de acordo com os dados da ACNUR, o número de refugiados em todo o mundo chega às dezenas de milhões. Escapam dos conflitos e dos enfrentamentos armados, sejam eles de caráter tribal ou político, sejam de natureza étnica, ideológica ou religiosa. Tal como o migrante em geral, o refugiado foge de um passado trágico e procura um solo que possa chamar de pátria. Diferentemente do migrante, porém, ele sofre de um estigma que jamais o abandona: normalmente encontra-se desligado da família e não pode voltar atrás. Para trás ficaram os espectros da perseguição, da prisão ou da morte.

Oposição ideológica, “guerras santas” entre grupos que professam diferentes credos, limpeza étnica e disputas intestinas pelo poder costumam ser os contextos sociais e históricos que “produzem” a

maior quantidade de refugiados. Originam-se, em grande parte, da Síria, Iêmen, Myanmar, Venezuela, além de uma série de países africanos envolvidos em conflitos armados. Os refugiados



espalham-se por todo o mundo, mas a Turquia, o Bangladesh, a Jordânia, a Líbia, a Colômbia, entre outros, são países que abrigam grandes “campos de refugiados”. Quando são reconhecidos pela ACNUR como refugiados em perigo de vida, têm direito a uma pequena ajuda regular para as necessidades básicas.

A distinção entre migrantes socioeconômicos e refugiados, porém, não é tão precisa como querem os governos e determinados organismos internacionais. Os limites entre um grupo e outro é fluído e instável. Enquanto, por um lado, as condições econômicas precárias podem levar à militância contra a ordem vigente, tornando deste modo o pobre migrante em refugiado, por outro, o político opositor tende a defender uma nova ordem, sendo por isso obrigado a migrar. Casos como o Haiti, a Venezuela, a Eritreia, a Etiópia e Burquina Faso ilustram essa fórmula híbrida de migrante/refugiado.

Além disso, se é verdade que os refugiados não podem voltar atrás sob pena se verem logo condenados à morte e eliminados, também é certo que numerosos migrantes, nos respectivos países de origem, estavam também condenados à morte pela carência, juntamente com suas famílias. A diferença está



entre a morte de um golpe, por execução, e a morte a conta-gotas, pela fome. Ambas, ao final das contas, são igualmente violentas e trágicas.

OUTRAS CAUSAS DAS MIGRAÇÕES

Evidentemente, os dois grupos de causas acima descritos não são exaustivos. Muitas outras categorias se movem pela face da terra. Existe um grande número de pessoas que viajam não para encontrar trabalho, mas na condição mesmo do tipo de trabalho que realizam. Destacam-se entre eles, os marítimos, os aeroviários, os caminhoneiros; outros viajam por motivo de estudo ou de doença, como é o caso do processo de intercâmbio de estudantes realizado entre muitos países, ou de quem busca a cura nos centros urbanos mais bem aparelhados; outros, ainda, deslocam-se enquanto técnicos especializados das empresas transnacionais.

Militares e religiosos costumam também se deslocarem por motivos relacionados ao seu modo de vida. Uns para os campos de batalha, outros para os campos de missões. Ainda do ponto de vista religioso, milhões de pessoas deslocam-se periodicamente na



condição de fiéis romeiros. No catolicismo, temos os centros de peregrinação, tais como Jerusalém, Santiago de Compostela, além dos inúmeros santuários marianos. No islamismo, temos a obrigação da peregrinação à cidade de Meca ou Jerusalém. Jerusalém é, ainda, cidade de referência para o judaísmo. Outras religiões terão igualmente seus motivos para peregrinações.

Com a revolução dos meios de transportes e dos meios de comunicação, assiste-se hoje a um crescimento sem precedentes do turismo. Embora as motivações e a forma de viagem sejam completamente diferentes, não deixam de ser pessoas que se deslocam aos milhões por todo o mundo. Cada vez mais povos e nações entram a fazer parte, seja como origem de turistas, seja como destino dos mesmos. Também vale lembrar que uma multidão de trabalhadores se desloca para trabalhar no setor do turismo. Trata-se, na maioria dos casos de trabalhadores praticamente invisíveis, escondidos por trás do palco iluminado, nos bastidores, mas que prestam uma série de serviços em hotéis, restaurantes, praias, centros culturais, como guias turísticos, etc.



URBANIZAÇÃO DO “TERCEIRO MUNDO”

Por fim, não podemos deixar de lado o processo de urbanização acelerada que vive hoje grande parte dos países chamados emergentes ou subdesenvolvidos. Estamos diante do mesmo processo que os países centrais viveram com a consolidação da Revolução Industrial. Êxodo do campo para a cidade, mas tão veloz e desordenado que a infraestrutura urbana não está preparada para receber tamanha avalanche de pessoas e famílias. Não precisamos nos deter sobre os números, pois estes encontram-se à disposição em numerosas publicações que tratam do tema. Para o nosso propósito, basta verificar quantas metrópoles acima de cinco milhões de habitantes surgiram nas últimas cinco décadas na América Latina, África e Ásia. Imensas manchas urbanas, as quais, quase como cogumelos, se estendem a partir de um núcleo, incorporando outros municípios adjacentes.



Para limitarmo-nos à América Latina, quase todas as capitais dos países possuem hoje um terço ou metade da população nacional. Exemplos disso são Argentina, México, Peru, Guatemala, Chile, Uruguai, Venezuela. No caso do Brasil,

as dez maiores capitais de seus respectivos estados, somadas, quase alcançam a extraordinária cifra de 80 milhões de habitantes. Ainda com respeito ao Brasil, o censo de 1970 foi o primeiro onde a população urbana superou a população rural. Já na virada do século e do milênio, os moradores da cidade chegavam a mais de 80% dos cidadãos brasileiros. Trata-se praticamente de padrões do chamado Primeiro Mundo. A China, a Índia, A Coreia do Sul, a Tailândia, a Malásia, o Japão e os Emirados Árabes, com suas gigantescas metrópoles, são um exemplo típico dessa rápida urbanização.

Não custa repetir mais uma vez o que dissemos nos itens anteriores. O processo de cavar mais fundo e de mergulhar nas raízes do fenômeno migratório se presta às mais diferenciadas áreas geográficas ou instâncias eclesiais. Para todos os casos, indistintamente, encontraremos causas globais, generalizadas e universais, ao lado de motivações locais, particularizadas, específicas de cada contexto social, econômico, político e cultural.

[VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)





IV. RESPOSTAS (RESPUESTAS, EM ESPANHOL)

Contemplados os rostos, identificadas as rotas e estudadas as raízes, resta-nos o item das respostas. Pergunta: o que se está fazendo ou deixando de fazer? Quais os autores envolvidos nas ações junto aos migrantes e às migrações? O desafio é desvendar o real protagonismo de cada instituição pública, privada ou religiosa. Pretendemos neste parágrafo verificar o empenho por soluções concretas, seja em nível dos governos nacionais e dos organismos internacionais, seja em nível de movimentos, igrejas, entidades, organizações não governamentais (ONGs), associações e outras forças sociais. O item pode ser subdividido em duas partes distintas, mas complementares: atividades em curso e lacunas; ou ações e omissões.



A) O QUE ESTÁ SENDO FEITO?

O percurso de elencar todos os serviços realizados junto aos migrantes, além de longo, nos parece desnecessário. Mas podemos chamar a atenção para um conjunto de esforços de maior relevo e eficácia: conhecimento atualizado das migrações, denúncia da migração compulsória, redes de acolhida e assistência imediata, defesa dos direitos básicos dos migrantes, inserção nos locais de destino, ponte pastoral origem-destino, resgate histórico-cultural dos vários grupos étnicos, cultivo das devoções populares e da espiritualidade.

ESTUDO DAS MIGRAÇÕES

Têm crescido de forma exponencial os estudos acadêmicos voltados para o fenômeno da migração. Contribui decisivamente para isso a maior visibilidade dos deslocamentos humanos de massa,

tanto na mídia quanto nas redes sociais. Além disso, desde a metade do século passado, surgem em várias partes do planeta uma confederação de Centros de Estudos Migratórios,



ligados às Congregações dos padres, irmãos e leigos Scalabrinianos: Brasília, São Paulo, Buenos Aires, Cidade do Cabo, Manila, Nova Iorque, Paris, Roma. Ainda em Roma, o Scalabrini International Migration Institute (SIMI) oferece um mestrado e doutorado para os que quiserem se especializar no estudo das migrações em âmbito mundial.

A partir deles, começam a ser veiculadas uma série de revistas especializadas em mobilidade humana. A Igreja Católica, por seu turno, publicou reflexões pertinentes e oportunas, seja em nível diocesano e nacional, seja em nível universal. Diga-se de passagem, o Papa Francisco tem sido um grande divulgador da causa dos migrantes. Acrescente-se as inúmeras publicações independentes, bem como iniciativas de divulgação no interior das redes sociais. O certo é que o tema ganhou popularidade e chegou às ruas e casas, aumentando, por exemplo, o número de teses de mestrado e doutorado sobre a migração.

DENÚNCIA DA MIGRAÇÃO FORÇADA

De maneira geral, as publicações citadas no item acima consistem já em uma forma de



denúncia. Ao desvendar as assimetrias, injustiças e desequilíbrios sociais por trás dos fluxos migratórios, os estudiosos não deixam de alertar para suas causas, implicações e consequências. Outra fonte de denúncia tem sido a Doutrina Social da Igreja (DSI) em numerosos de seus documentos. A CNBB, por exemplo, publicou vários escritos sobre a temática, além de lhe dedicar a Campanha da Fraternidade de 1980.

Hoje, em termos internacionais, a principal denúncia é a de que a questão da segurança nacional se impõe em muitos países, em detrimento da segurança dos migrantes e da construção da paz. Semelhante denúncia tem sido tema regular em todas as edições do Fórum de Migração e Paz, promovido por várias entidades mundiais e organizado pelo Scalabrini International Migration Network (SIMN). A denúncia deve levar em conta três problemas graves e urgentes: as tiranias de origem que negam aos cidadãos uma cidadania justa e digna (por exemplo, Venezuela e

Síria), as leis anti-imigração nos países de destino que fecham as fronteiras aos estrangeiros (por exemplo, Estados Unidos e Europa) e o tráfico internacional



de pessoas perpetrado pelos agentes do crime organizado em todo o mundo.

REDES DE ACOLHIDA E ASSISTÊNCIA

Entre tais redes, no interior da Igreja Católica, vale sublinhar o trabalho dos padres, irmãs e leigos scalabrinianos; o serviço mundial dos padres jesuítas, especialmente com os refugiados; e as ações da Caritas Internacional, sempre ativa nas emergências. Evidente que existem outras pessoas e outras redes que, para além de crença religiosa, articuladas ou não, atuam a partir da sociedade civil organizada e de alguns setores do governo.

Voltando à Igreja Católica, a rede das Casas de Acolhida e Orientação aos Migrantes agrega dezenas de instituições em mais de 30 países. Além da acolhida e orientação, aí os migrantes podem contar com serviços de documentação, primeiros socorros, assistência social e jurídica, inserção no mercado de trabalho, cursos de capacitação, e assim por diante. No caso dos marítimos, a rede do Apostolado do mar, formada por centros “Stella Maris” (estrela do mar) e ligada



ao sindicato mundial da categoria e ao Vaticano, serve-lhes de ponto de referência, seja na comunicação com as famílias distantes, seja na defesa de seus direitos. A rede encontra-se espalhada por vários portos estratégicos, e em diversos países de todos os continentes.

Em nível de Brasil, o Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), ligado à Comissão especial para o serviço da caridade, da justiça e da paz (comissão 8 da CNBB), constitui a referência eclesial para as atividades desenvolvidas com os migrantes. O SPM promove em todo o território nacional encontros, seminários de estudo, cursos, manifestações e mobilizações em favor da causa dos migrantes. Conta com o bispo de referência, com uma equipe nacional de coordenação e com um colegiado de formação. Publica periodicamente os Boletins Vai Vem e SPM Informa, com notícias e iniciativas sobre o trabalho junto aos migrantes.

DIREITOS BÁSICOS DOS MIGRANTES

O tema dos direitos humanos do migrante já veio à tona. Aqui basta sublinhar o



direito de ir-e-vir, o qual corresponde ao direito de ficar no país de origem como verdadeiro cidadão. Mas o imigrante tem direito de pedir e receber asilo em outra nação. Depois, o estrangeiro, quando chega a um novo país, tem como principal urgência a legalização de sua permanência. Daí a importância do serviço de assistência jurídica e de documentação. Os papéis devidamente regulados consistem na porta de entrada para outros direitos, tais como trabalho, salário justo, escola para os filhos, saúde e hospital, endereço fixo, e assim por diante. Quantos imigrantes “irregulares” amargam hoje uma permanência precária em grande parte do globo, especialmente nos países mais almejados, como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, entre outros! Não é diferente, porém, o caso dos bolivianos em São Paulo, dos paraguaios em Buenos Aires ou dos ucranianos e romenos na Itália, só para citar três exemplos. Além disso, como já alertamos, encontram-se sujeitos a qualquer tipo de exploração, e desprovidos de defesa legal. Sem os papéis, não existe cidadania. Para todos os efeitos, com carteira de estrangeiro permanente ou de cidadão naturalizado, prevalece o direito de toda pessoa humana.



INSERÇÃO NOS LOCAIS DE DESTINO

Grande parte dos países, hoje em dia, aceitam receber uma quota de mão-de-obra braçal, mas nega o direito de permanência. Ou seja, querem trabalhadores para os serviços indesejados, como vimos mais acima, mas não querem novos cidadãos. Com isso, subrepticamente costumam abrir a porta dos fundos para a imigração irregular, mas fecham aos migrantes a porta da frente. Tal hipocrisia costuma ser contagiosa, espalhando-se por toda parte. Os estrangeiros acabam inserindo-se não no mercado regular de trabalho, e sim no mercado subterrâneo da economia informal. Semelhante tipo inserção, como cidadãos de segunda categoria, gera, por sua vez, outras formas de exclusão social. Nestes casos, claro que o medo e a ameaça de expatriação se esconde a cada esquina. Sem uma inserção real e efetiva, a paz do trabalhador e da família encontra-se definitivamente banida.



Também está em jogo (e em perigo) a inserção cultural. Sem trabalho estável, aumenta a possibilidade dos preconceitos, da discriminação e da xenofobia. Em lugar de comunidades, formam-se guetos cerrados. E entre umas e outros,

nascem e crescem as hostilidades recíprocas. Na verdade, enquanto o gueto costuma ser isolado e fechado sobre si mesmo, a verdadeira comunidade se mantém aberta ao confronto e ao diálogo com o outro e o diferente. Em tempo de eleições e com o avanço progressivo do nacionalismo populista da extrema direita, os políticos sabem como manipular os medos e ameaças, instrumentalizando-os para chegar ao poder. Por isso é que, em tais circunstâncias e em tal contexto, politizar o tema das migrações tem sido equivalente a criminalizar os imigrantes.

A inserção será mais eficaz se houver uma ligação permanente entre o local de destino e o local de origem. Da mesma forma que o migrante, ao partir, cria uma ponte de sobrevivência com uma outra região ou país, a Pastoral dos Migrantes tem a tarefa de criar uma ponte pastoral entre ambos os polos. Vale, neste caso, visitas entre os agentes de cá e de lá, no sentido de conhecer mais profundamente os dois lados; intercâmbio de informações, o que pode ajudar a desfazer ilusões de um eldorado que não existe; missões e/ou campanhas populares, tentando envolver bispos, padres, irmãs e leigos; estudos atualizados sobre a realidade efetiva dos lugares de



saída e de chegada, o que torna o trabalho mais eficaz. Esse tipo de intercâmbio já é feito em geral entre os migrantes temporários da colheita da cana-de-açúcar, da laranja, do café... Mas pode ser ampliado para o conjunto do fenômeno migratório, inclusive entre diferentes países. A presença nos dois polos confere ao migrante maior força e confiança.

RESGATE HISTÓRICO-CULTURAL

O resgate da história e das expressões culturais e religiosas de pessoas, famílias e grupos étnicos comporta três dimensões essenciais: manter viva a memória da própria identidade, fortalecer a coesão da família ou do grupo, contribuir para uma inserção gradativa e sempre dialógica. Festas do padroeiro e de Nossa Senhora do país de origem, bem como festas nacionais servem para que os imigrantes possam cultivar aquilo que às vezes têm de mais sagrado. Além disso, ajudam a congregar a comunidade, a qual, em geral, reconstrói no lugar de destino a rede de solidariedade familiar, de parentesco ou nacional.



O uso da língua própria de quem acaba de chegar pode ser recomendado no período inicial de adaptação e acomodamento. Com o

passar de tempo, entretanto, convém desenvolver junto com o migrante um processo de inserção, onde a língua do país de chegada será útil em todos os sentidos. Aqui é preciso evitar dois extremos: um saudosismo doentio que mantém o estrangeiro eternamente ligado à origem, por um lado, e, por outro, o corte radical e precipitado com a memória histórica, o qual pode ocasionar o risco de uma inserção traumática. A Pastoral dos Migrantes, ao mesmo tempo que cria espaços para o resgate dos novos valores e expressões culturais e religiosas, é convidada a ampliar a rede familiar de mútua ajuda, mas também a trabalhar por uma real e eficaz inserção no novo lugar.

Também não podemos esquecer que toda a pessoa humana, portanto todo o imigrante, porta consigo anjos e demônios, isto é, um lado positivo e um lado negativo. Idealizar o recém-chegado não é a melhor forma de ser-lhe útil. A esse respeito, não é raro constatar que os imigrantes mais antigos são muitas vezes os primeiros exploradores dos que acabam de desembarcar em terra alheia. Com o pretexto de ajudá-lo, utilizam sua força de trabalho como mão-de-obra fácil e barata, no interior mesmo do núcleo familiar. Isso pode levar, ainda, a um infantilismo e a uma dependência



familiar que não contribui para o crescimento. De outro lado, deve-se acentuar a importância de passar de um simples multiculturalismo a uma forma de interculturalismo. Enquanto o primeiro representa apenas uma convivência pacífica de várias culturais, o segundo vai além. Exige o confronto e o diálogo entre valores e contravalores de ambos os lados. Tal processo de inserção leva a uma depuração e purificação recíprocas das culturas, pavimentando o terreno para um crescimento mútuo.

CULTIVO DA DEVOÇÃO E ESPIRITUALIDADE

Entre as expressões culturais e religiosas, o migrante traz em sua bagagem diversos tipos de devoção, como também uma determinada forma de espiritualidade. Fácil reduzir tudo isso a superstição! A Igreja já fez isso no passado, tanto com os indígenas do continente americano quanto com outros povos dos continentes africano e asiático.



O grande desafio aqui consiste em cultivar esse patrimônio religioso, sem cair na fossilização de certos ritualismos formais. O fato é que a migração, em geral,

tende a cristalizar orações, cantos, fórmulas, procissões e ritos que, no país de origem, continuam a se desenvolver organicamente. Arrancada a árvore da terra, ela deixa de receber a seiva que a renova e tende uma mumificação imutável do culto. Constata-se isso, por exemplo, com os italianos no sul do Brasil, com os portugueses na França, ou com os mexicanos nos Estados Unidos. Enquanto no país de origem o ritual evolui de forma natural, entre os migrantes tende a perpetuar-se em devocionismo petrificado.

Uma verdadeira espiritualidade, por outro lado, inclui as devoções e valores do patrimônio religioso dos antepassados, mas, simultaneamente, é capaz de incorporar os novos valores do lugar de chegada.

Todo organismo vivo e orgânico, exatamente porque se mantém vivo, desenvolve a capacidade de rejeitar resíduos fósseis que com o tempo vão se tornando nefastos, enquanto incorpora novos elementos que o fazem abrir-se a um contínuo amadurecimento. Uma vez mais, o confronto, a abertura e o diálogo permanente entre as culturas é a melhor forma de inserção de recíproco enriquecimento. Nem precisa lembrar que em todas as atividades aqui elencadas, o migrante



deve ser visto não como vítima de um sistema de exclusão social (embora também o seja), mas sobretudo como um protagonista de mudanças. Ao pôr-se a caminho, abre horizontes alternativos para a história.

B) O QUE MAIS PODE SER FEITO?

Como é fácil dar-se conta, as atividades em curso descritas no item anterior apresentam não poucas lacunas. Algumas já foram insinuadas, explícita ou implicitamente. Outras podem ser mais bem esclarecidas a partir de agora. De início, é evidente que cada grupo de ação pode e deve ser aperfeiçoado no desenrolar do trabalho. As críticas subjacentes nas entrelinhas dos parágrafos acima podem servir de orientação em vista de uma pastoral social mais eficaz. As mudanças ocorridas nos rostos, rotas e raízes da migração exigem, de nosso lado, uma renovação constante no modo de agir. “O mundo anda depressa e nós não podemos parar”, nos alertava o Bem-aventurado J. B. Scalabrini.



A LEI DOS ESTRANGEIROS

Duas lacunas, ligadas ao poder público, merecem especial destaque: a organização

pela mudança da Lei dos Estrangeiros e a pressão por políticas públicas voltadas para os migrantes. No caso da Lei dos Estrangeiros, não precisamos começar do zero. Uma série de atividades, manifestações e mobilizações já estão em marcha. O fato que requer maior atenção são as mudanças no contexto político e econômico, com o atual governo. A tarefa pode ser árdua, uma vez que se trata de um governo que se declara conservador, ligado ao nacionalismo populista e aliado de Donald Trump. Se, por um lado, o Brasil não tem a mesma quantidade de imigrantes dos Estados Unidos, por outro, as orientações de ambos os mandatários parecem estreitamente ligadas entre si.

Como vimos anteriormente, nos tempos atuais vem crescendo popularidade dos grupos, partidos e governos de extrema direita. Alguns exemplos recentes: Áustria, Hungria, Suécia, Dinamarca, Itália, Alemanha, França, Itália, Estados Unidos... Infelizmente, o Brasil também se inclui nesse clube. A ascendência dessa visão marcadamente conservadora tem privilegiado a construção de muros, uns visíveis, outros invisíveis. Na contramão do Papa Francisco, que insiste no discurso de abater muros e erguer pontes, esses países se



apresentam claramente contra a migração. Na Europa, por exemplo, diversas embarcações com imigrantes resgatados no Mediterrâneo, permaneceram à deriva por semanas, à espera de um porto onde desembarcar os náufragos. Quanto aos Estados Unidos, assistimos ao drama da separação entre país e filhos. As caravanas centro-americanas, por sua vez, conseguem atravessar o México, mas devem deter-se diante do muro que Trump insiste em fortalecer.

Numa palavra, o cenário internacional é desfavorável a todo tipo de migração. Isso não quer dizer que os migrantes vão se amedrontar. Ao contrário, estando em aumento a pobreza e a violência, a fuga tende a ampliar-se. Mas as barreiras e adversidades crescem a cada viagem. A fé e a esperança os mantêm em marcha, mas o horizonte é cada vez mais incerto. Convém não esquecer, por outro lado, que desde os atentados de 2001 em Nova Iorque, o terrorismo só faz duplicar o número de pessoas em fuga. Na mídia e na população nas ruas,

aliás, não é raro identificar os migrantes com os terroristas. que, em alguns países, o simples ato de migrar ou de

Daí



acolher um migrante vem sendo considerado crime, e punido como tal.

AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Desse cenário decorre o segundo aspecto: o empenho para exigir políticas públicas favoráveis aos migrantes. A CNBB, como bem sabemos, dedicou a Campanha da Fraternidade de 2019 (CF/2019) justamente a essa questão. Segundo o texto base da CF/2019, as políticas públicas no Brasil sofrem de uma precariedade crônica e histórica. Aliás, confundem-se com frequência a expressão políticas públicas com aquilo que elas não são, isto é, políticas compensatórias. Estas últimas costumam ser emergenciais, provisórias e com tempo determinado. Já as políticas públicas propriamente ditas são estáveis, sólidas e podem se prolongar por anos. No Brasil, facilmente, o provisório assume o caráter de definitivo.

No livro *Casa Grande & Senzala*, o sociólogo Gilberto Freire afirma que, a Casa Grande tem privilégios, ao passo que a Senzala deve contentar-se com favores. O problema é que, enquanto os privilégios são intocáveis, os favores dependem do humor do chefe de plantão. São



instáveis e ilusórios, como as promessas de campanha. Cada vez que os moradores da Senzala tentaram converter os favores em direitos, se viram às voltas com o tronco, o chicote, a polícia ou até mesmo o exército. Prova disso foi a organização dos quilombos ou as revoltas do Contestado, de Canudos, dos Cabanas e de Quebra-Quilos. Mas também a criminalização dos movimentos e organizações sociais, atualmente, explica-se através dessa chave histórica.

Pior é que o esquema se repete. As políticas compensatórias são a continuidade histórica dos favores. Como eles, sofrem de instabilidade e desilusão, podendo ser suspensos a qualquer momento pelo governo de turno, apesar de suas promessas em contrário. Também as reformas que estão sendo postas – como a da previdência, trabalhista, e outras – podem trazer escondida uma armadilha. Com a crise prolongada da economia capitalista, as empresas procuram uma forma de diminuir os custos e manter o nível de lucros. Em cumplicidade

com o governo, tentam reconverter os direitos adquiridos em formas de mercadoria. Ora, toda a mercadoria entra no mercado para ser comprada e vendida, e tem que ser paga. Assim, o ônus da



crise recai sobre os ombros dos trabalhadores que devem assumir os custos da própria saúde, da previdência, do transporte, da educação, e assim por diante.

Não é diferente com a reforma trabalhista. Palavras como terceirização, flexibilização e ajuste fiscal, do ponto de vista do trabalhador, costumam cheirar mal. Trata-se, em geral, de acabar com os direitos adquiridos em dois séculos de organização sindical. Ainda desta vez, os direitos se reconvertem em mercadorias, e devem ser pagos. Quando se fala de apertar o cinto devido à crise, os cortes atingem sempre a dimensão social das políticas públicas. Isso explica a condição precária, em alguns casos em plena decadência, do sistema de saúde, dos transportes públicos, da educação, da segurança, da habitação. Numa palavra, são os pobres que pagam a conta. Como diz o ditado popular, “a corda rebenta sempre do lado mais fraco”.

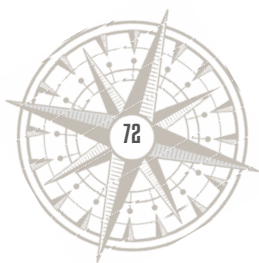
O tema das políticas públicas significa aplicar o orçamento da união, dos estados e dos municípios, fruto de impostos e taxas, em função das necessidades básicas da população, levando em conta de modo particular os estratos onde a renda familiar é mais baixa. O problema é que no contexto da



globalização, os estados nacionais e seus governos têm pouca margem de manobra. O mercado total, direta ou indiretamente, torna-se o senhor absoluto. Com frequência as autoridades governamentais tornam-se reféns, cúmplices e até capatazes do poder dos grandes conglomerados internacionais. Com isso, inibe-se as políticas públicas em favor da população, ao mesmo tempo que cresce a política de salvação aos bancos e aos colossos empresariais, sob o pretexto que tais gigantes não podem abrir bancarrota. Para salvar o sistema, salva-se aqueles que, de uma forma ou de outra, são responsáveis pela crise.

A questão das políticas públicas vem à tona com uma nota sombria: a extrema dificuldade de implementá-las. “A primazia do trabalho sobre o capital” – princípio fundamental da DSI – vira letra morta. Lucros, ganhos elevados e acumulação do patrimônio são os motores que ditam as leis e submetem os povos. Ao trabalhador cabe a parte de pagar a conta. E aqui não podemos nos dar ao

luxo de manter ilusões: quando o trabalhador paga a conta, os primeiros a serem atingidos são os estrangeiros, particularmente os indocumentados e mais vulneráveis. Nota-se isso



atualmente tanto nos Estados Unidos quanto nos países da Europa. O mesmo ocorre nos desastres e catástrofes ambientais (inundações, tsunamis, estiagem, furacões, terremotos): prejudicam normalmente os mais pobres, os quais, em grande parte, tornam-se candidatos à fuga e à emigração, com a única certeza que lhes esperam fronteiras fechadas.

Além das instâncias da Igreja Católica e de alguns organismos governamentais e internacionais, inúmeras iniciativas encontram-se em curso no universo da mobilidade humana. Com o mesmo método dos “4Rs”, seria possível identificar, mapear, e seguir de perto as atividades que, neste campo, desenvolvem diversos autores da sociedade civil organizada. Outras Igrejas, entidades de diferentes matizes, movimentos sociais, iniciativas acadêmicas, associações, campanhas, artistas, organizações não governamentais (ONGs), Grito dos Excluídos, além de uma infinidade de ações anônimas que agem nos porões e periferias da sociedade.



[VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)



CONCLUSÃO

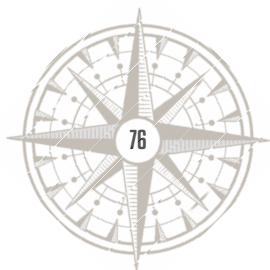
A leitura da mobilidade humana que acabamos de fazer, diferentemente de uma abordagem rigorosamente científica, leva em conta a ação pastoral e social, ao mesmo tempo que estimula novas atividades no mesmo campo. Hoje em dia numerosos estudiosos reiteram que, além da pobreza, da violência e da guerra, motivações de ordem afetiva e emocional pesam nas decisões dos migrantes. Fatores objetivamente macroeconômicos e razões de natureza local, familiar, de parentesco ou tribal se mesclam e se entrelaçam na hora da saída e da chegada. Dispersão e reagrupamento familiar, histórias de amor e amizade, convergência quanto ao destino em direção aos lugares onde se localizam antigos conhecidos – são algumas das implicações das chamadas motivações subjetivas da migração. Resulta que o migrante



jamais é apenas uma vítima da globalização, nem esta última representa um processo linear. Ao contrário, por vezes a migração comporta enormes contradições, avanços e recuos, idas e vindas, no interior das quais os envolvidos aparecem como sujeitos ativos de decisões. Processos circulares, pendulares ou de retorno misturam-se e se confundem com deslocamentos linearmente definitivos, onde os polos de origem e destino estão bem delineados.

Se é verdade que o contexto socioeconômico e político-cultural restringe muita gente a uma mobilidade compulsória, também é certo que, no interior mesmo desse deslocamento forçado, o migrante e sua família sempre encontram espaço para tomar parte da direção de seus destinos. Por menor que seja tal margem de manobra, ela costuma fazer de cada forasteiro um sujeito atento e sagaz, o qual tende a aproveitar das oportunidades que lhe caem nas mãos. Por vezes, a migração degrada e embrutece, jogando os envolvidos numa queda livre para o fundo do poço, sem dúvida, mas também

aponta veredas e potencialidades insuspeitadas. O labirinto tortuoso de semelhante vaivém oferece surpresas que podem conduzir a uma tomada de decisão. É aí que a teimosia do migrante, a companhia



dos conhecidos, a presença da família ou as organizações populares podem significar a criação de um trampolim para o alto. A travessia é sempre árdua, sinuosa, repleta de barreiras adversidades de todo tipo. Por isso mesmo, riscos e potencialidades andam de braços dados, caminham lado a lado. A solidão, o fracasso e o retorno costumam ser os maiores preços a pagar, mas eles podem ser aliviados, ou até mesmo exorcizados, pela solidariedade das redes de parentesco ou de acolhida.

Migração significa um processo de queda ou passo para um futuro melhor? A resposta depende de uma série de características e combinações, juntamente com muita criatividade. O primeiro passo, porém, está subordinado a uma análise séria e meticulosa, simples e ao mesmo tempo profunda, prática e ao mesmo tempo teórica, real e ao mesmo tempo positiva. Daí a proposta do método dos “4Rs”. Somente um diagnóstico correto – rostos, rotas e raízes – pode levar a um remédio salutar. Em outros termos, o aprofundamento do “3Rs” iniciais apontam a descoberta do quarto “R”: as respostas. Uma visão geral, que inclui a fotografia, o mapa e a radiografia das migrações, indica um horizonte possível de respostas, soluções viáveis. O migrante então

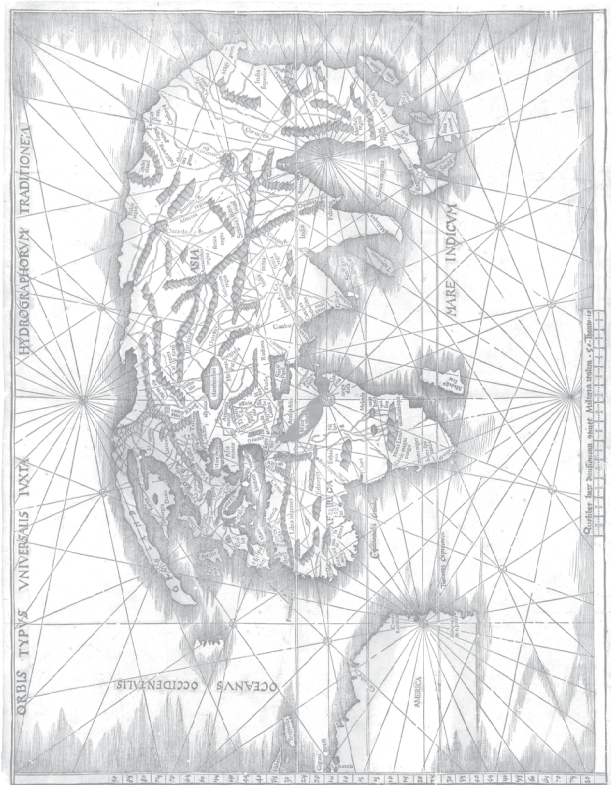


caminha guiado por um farol e na direção de um porto seguro. Um exame correto, e corretamente conduzido, é a única via para um medicamento adequado.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS
Serviço Pastoral dos Migrantes



[VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)



Waldseemüller, M. (1513).
 Orbis typus universalis. [Mapa]
 Retirado do site WLD,
www.wdl.org/pt/item/2833/

